



PLATAFORMA DE PAREDES

MAIS DEMOCRACIA, MAIS BLOCO

SUMÁRIO

1. Mais Democracia, mais Bloco
2. Mais organização local
3. As tendências
4. A Grande Purga de 1936-38
5. A Pequena Purga de 2023
6. Política de alianças
7. Habitação
8. A invasão da Ucrânia
9. A nova Coordenadora
10. Conclusão

1. MAIS DEMOCRACIA, MAIS BLOCO

Sempre que possível, **todas as decisões coletivas devem ser tomadas depois de auscultadas as bases**. Mas, no Bloco, os aderentes só são chamados para colar cartazes e para participarem em comícios e manifestações. Em contrapartida, as bases não são ouvidas nem achadas para escolher o candidato presidencial ou os candidatos europeus, nem para a tomada de decisões estratégicas.

A democracia interna implica que **os direitos das minorias devem ser respeitados**. Direito esse negado pela direção, que **expurgou as moções minoritárias**, evidenciando um claro desprezo pela democracia.

Este desprezo também se manifestou na **Madeira**, onde, em 2021, cometeram uma **violação ardilosa dos Estatutos** (artigo 20º, § 3) ao impedirem o voto por correspondência, com o objetivo claro e inequívoco de favorecer uma das duas listas em disputa, na eleição da CCR.

2. MAIS ORGANIZAÇÃO LOCAL

O Bloco não está organizado em mais de metade dos concelhos do país.

Sem melhorar a organização, estaremos condenados a ter resultados fraquíssimos nas eleições autárquicas.

Estaremos impedidos de crescer e ganhar consistência.

Continuaremos a estar longe de muitas localidades, sem tomar conhecimento e apoiar as suas lutas sociais e laborais.

3. AS TENDÊNCIAS

A existência de tendências faz parte do ADN do Bloco, pois, sem as suas tendências fundadoras, o Bloco não existiria. Mas estas tendências têm provocado as seguintes **entorses**:

- 3.1. Fazem-nos perder democracia**, porque as decisões políticas mais importantes são pré-definidas pelas cúpulas das duas principais tendências e a as reuniões dos órgãos dirigentes servem apenas para sufragar as decisões antes «cozinhadas»; isto transforma as reuniões numa absoluta inutilidade, num jogo com as cartas marcadas, em que o desfecho já está escrito antes da reunião ter começado;
- 3.2. Fazem-nos perder organização**, pois todas as propostas para mudar os Estatutos, com vista a melhorar a organização interna, são sistematicamente rejeitadas, porque as tendências não querem deixar de controlar o Bloco, em prejuízo da sua organização.
- 3.3. Fazem-nos perder tempo e energia**, porque enquanto as tendências organizadas desgastam os aderentes com a suas reuniões sectárias, estão a desperdiçar esforços que seriam muito mais bem utilizados em prol do desenvolvimento e implantação local do Bloco;
- 3.4. Fazem diminuir a autonomia de pensamento**, pois a maioria dos seus membros **alugam o cérebro** aos dirigentes das tendências;
- 3.5. Patrocinam a disputa por lugares** e não por ideias, porque cada uma das tendências tem uma agenda própria: colocar os seus membros em todos os lugares de destaque e usam esse objetivo espúrio para seduzirem os novos aderentes, prometendo-lhes cargos ou lugares, o que favorece o **carreirismo**;
- 3.6. Exponenciam o caciquismo**, para atraírem jovens aderentes para sua tendência, mas também para arranjamem subscritores e votantes quando há disputas internas, **valendo tudo** para o conseguirem;
- 3.7. Fazem aumentar o espírito de capela**;
- 3.8. Fazem aumentar o divisionismo.**

Um Bloco pujante, democrático e socialista, não se compagina com estes vícios, trazidos pelas tendências.

Contudo, é saudável que haja dentro do Bloco diferentes sensibilidades políticas de esquerda, desde que não cultivem esses vícios.

4. A GRANDE PURGA DE 1936-38

Em 1934, realizou-se o XVII Congresso do PCUS. Estaline já tinha assassinado todo o Politburo do tempo de Lenine, com exceção de Trotski, que tinha escapado, até ser barbaramente assassinado, no México, em 1940, por Ramón Mercader, agente do ditador.

No XVII Congresso, quando se elegeu um novo Politburo, Kirov foi o que teve mais votos e Estaline foi o menos votado. Estaline não gostou e, pouco tempo depois, Kirov foi assassinado, bem como mais de 2/3 do CC eleito neste congresso, como também mais de metade dos congressistas.

Este episódio foi o prenúncio da **Grande Purga de 1936-38, em que cerca de 1 milhão de membros do partido foram fuzilados e mais de 2 milhões foram enviados para o Gulag.**

O tenebroso genocida continuou a matar, aos milhões, até à sua morte, em 1953.

O estalinismo não é uma ideologia de esquerda pois se, para nós, a vida humana é o bem mais valioso, como poderemos considerar de esquerda uma ideologia responsável pelo extermínio de milhões de seres humanos?

Entre nós, **a Moção E é controlada por estalinistas**, embora a maioria dos seus integrantes sejam apenas incautos que se acolheram nesta tendência, por causa de divergências diversas com a direção do Bloco.

Foram seduzidos pela promessa de lutar por mais democracia, mas muitos já saíram, porque perceberam que esperar democracia dos estalinistas seria o mesmo que esperar colher maçãs numa laranjeira.

O **líder desta moção** ficou sem espaço na Moção A depois de 2015, quando as duas tendências principais se reconciliaram. O escândalo das moradas falsas foi o motivo que a RAC aproveitou para o descartar, em 2019. Em reação, ele metamorfoseou-se num novo paladino da democracia interna. Só que a democracia nunca o preocupou, nem sequer um minuto, nos 20 anos anteriores, enquanto foi dirigente do Bloco e da Moção A.

5. A PEQUENA PURGA DE 2023

As duas tendências que controlam o Bloco aprovaram o Regulamento Eleitoral da XIII Convenção, que impôs o número mínimo de 2% dos aderentes para os subscritores de uma moção, mas «esqueceram-se» que só deveriam contar os aderentes com as quotas em dia, no ano findo.

Além disso, optaram por não limpar os cadernos eleitorais, para inflacionar artificialmente o número de aderentes ativos e, com isso, cometeram uma **violação dos Estatutos** (artigo 3º, § 7, 8 e 9).

Contas mal feitas, aumentaram para 194 o número de subscritores das moções, ao contrário dos 20 que eram suficientes em todas as convenções anteriores.

Contas bem feitas, **as duas moções aceites representam apenas 13% do universo eleitoral**.

E os outros 87%? Não têm ou nunca tiveram as quotas em dia ou já morreram ou não subscreveram qualquer moção.

É curioso referir que, na Convenção 2014, a Moção E e a Moção U tiveram um total de cerca de 2 mil subscritores. Agora, concorrem juntas e têm cerca de 900. Por isso, **falar em crescimento do Bloco é apenas uma falácia**, sem qualquer adesão à realidade. Os números não mentem, em vez de crescer, **o Bloco encolheu, nos últimos 10 anos**, nos planos eleitoral e organizativo.

Outra violação dos Estatutos (artigo 4º, § 1 – b) foi cometida quando se determinou que os delegados eleitos por plataformas não poderão ser eleitos para os órgãos nacionais, ou seja, podem eleger, mas não podem ser eleitos, colidindo assim com os Estatutos e com uma regra básica da democracia.

A direção tem estes tiques antidemocráticos, porque a maioria cresceu com a crença no «centralismo democrático» incrustada nas suas mentes e daí o seu desprezo pela Democracia.

A 25/03/2023, **uma delegação chefiada pela Coordenadora Nacional foi à Madeira**, levando consigo um ex-dirigente proscrito pela direção, em 2019, por causa do seu envolvimento no esquema das moradas falsas, e que foi apoiar o seu homem de confiança na região.

A reabilitação destes dois ensombrados é tão surpreendente, que já ninguém se admiraria se soubéssemos agora que as lideranças das duas moções articularam entre si a purga das moções mais pequenas.

Esta purga encerra uma contradição existencial: se fosse aplicada à Lei dos Partidos, o BE deixaria de existir, pois não teríamos capacidade de angariar as 160 mil assinaturas necessárias.

6. POLÍTICA DE ALIANÇAS

6.1. PS

Perdemos as últimas eleições, porque metade do nosso eleitorado não aceitou que fizéssemos cair o governo, ao lado da Direita e da Extrema-direita.

O principal erro que cometemos, a partir de 2019, é que nunca deveríamos ter negociado qualquer orçamento sem previamente fazermos um acordo escrito com o PS, como já tínhamos feito em 2015.

Esse acordo não se fez porque não havia vontade política de nenhuma das partes. A direção do Bloco, porque já estava farta de viabilizar os governos do PS. Costa, porque almejava a maioria absoluta.

Resultado: o PS ganhou e o Bloco perdeu.

Atualmente, com o desgaste do PS e o isolamento do PCP abriram-se excelentes condições para que o Bloco possa recuperar a sua capacidade de ser um polo aglutinador da Esquerda.

O espaço político, tal como a Natureza, tem horror ao vazio. O vazio deixado no espaço socialista pelo o abandono do PS tem de ser ocupado por nós. Para isso, temos de moderar o nosso discurso, para podermos chegar a mais pessoas, mas sem abdicar do socialismo, deixado órfão pelo PS. Neste balanço entre os nossos princípios socialistas e a vontade popular poderá residir o segredo do nosso sucesso. Ou seja, **as nossas propostas têm de ser aceites pelo povo para serem operacionalmente ativas.**

Este ano, as sondagens indiciam que **a Extrema-direita está a crescer à custa da descida do PS.** Esta subida deve-se, sobretudo, aos inúmeros casos de corrupção existentes no PS e ao aproveitamento que a Extrema-direita faz deles.

Assim, devemos afinar a nossa estratégia, atacando a Direita e a Extrema-direita, em especial, nos casos de corrupção em que eles são protagonistas.

A direção pensa o contrário. Dizem que deveremos continuar a focar-nos no combate ao PS e ignorar a Extrema-direita. Curiosamente, aplicando o mesmo raciocínio de Estaline nos anos trinta e que teve como consequência a demonização da social-democracia (apelidávamos de sociais-fascistas) e favoreceu a ascensão do fascismo na Europa.

Isto mostra que a **direção do Bloco tem sido incapaz de lidar com a Extrema-direita e com o PS** e, por isso, nos levou à última derrota eleitoral e continua a fazer tudo o que é preciso para nos levar até à próxima.

6.2. PCP

Se é certo que este partido defende princípios de esquerda em muitas matérias, também é certo que PCP diz defender a Liberdade e a Democracia em Portugal, mas apoia, de uma forma indecorosa, ditaduras neoestalinistas, como a Coreia do Norte, China, Cuba, Venezuela, Nicarágua, etc., onde esses valores são assiduamente violados.

Esta contradição entre o discurso interno e as preferências externas do PCP demonstra cabalmente a sua **falsidade ideológica**.

O PCP evidencia também posições anacrónicas e conservadoras em matérias sensíveis como a eutanásia, serviço militar obrigatório, touradas, corridas de cães, igualdade de género, etc.

Mais recentemente, o PCP tem demonstrado apoio à invasão da Ucrânia pelos fascistas russos, o que faz dele um parceiro indesejável.

O comunismo é um ideal nobre, mas que foi completamente conspurcado pelos estalinistas.

6.3. OUTROS PARTIDOS

O **Livre** é o partido cuja linha política mais se aproxima da nossa. Contudo, tem um líder que, no passado, não se comportou muito bem. Sem escamotear este importante aspeto, devemos aproximar-nos deste partido, como, de resto, já o fizemos na Câmara de Oeiras.

Os **grupúsculos estalinistas** devem ser mantidos fora do cordão sanitário que nos protege dos criminosos.

Já em relação aos **grupúsculos trotskistas**, devemos ignorar os *entristas* e devemos dialogar com aqueles que querem participar.

7. HABITAÇÃO

O governo apresentou propostas para resolver o gravíssimo problema da habitação, que foram violentamente atacadas por todos os reacionários e também ... pelo Bloco.

A direção poderia apresentar sugestões para melhorar essas propostas, mas optou por escolher o campo do contra, tal como a Direita, a Extrema-direita e os proprietários.

Um partido fica encurralado quando não aprende com os seus erros e insiste em repeti-los.

8. A INVASÃO DA UCRÂNIA

Os estalinistas apoiam a invasão da Ucrânia, porque **foram treinados, toda a vida, a apoiarem as invasões soviéticas**, desde as invasões da Polónia, Letónia, Lituânia, Estónia e Finlândia, em 1939, até à invasão do Afeganistão, em 1979, passando pelas invasões da Hungria, em 1956, e na Checoslováquia, em 1968.

Os portugueses pró-soviéticos foram vítimas de contínuas lavagens cerebrais que os convenceram que essas invasões eram justas. Agora, eles limitam-se a transpor para o presente esse «glorioso» passado soviético e a Rússia de Putin, aos olhos deles, reencarna esse espírito, enterrado em 1991.

Entre nós, a **Resolução Política da Mesa Nacional de 04/02/2023**, aprovada pela Moção A, a reboque da Moção E, configura uma aproximação do Bloco às posições do PCP e de Putin. O PCP tenta relativizar, banalizar e normalizar os crimes de Putin, contrabalançando-os com os crimes dos USA e da NATO, noutras paragens. Mas, qualquer pessoa minimamente inteligente consegue atingir que a NATO e os USA já foram responsáveis por muitos crimes, mas a invasão da Ucrânia é da única responsabilidade do criminoso Putin. Ponto.

Qualquer pessoa sensata e bem-formada percebe que é o dever de todos os cidadãos europeus ajudar a Ucrânia a defender-se dos fascistas russos. Mas, nesta resolução, está escrito que os países europeus devem fornecer armas «apenas defensivas» à Ucrânia, para favorecerem a paz. Enfim, **a paz que a direção defende é a paz do agressor** e não permitiria aos ucranianos recuperarem os territórios roubados pelos imperialistas russos.

Parece que a direção do Bloco está a desenvolver a mesma pulsão suicida do PCP.

9. A NOVA COORDENADORA

Depois de ter ficado no osso, o Bloco só poderá melhorar com a nova Coordenadora Nacional.

Esperemos que a sua capacidade se sobreponha à incapacidade intrínseca das tendências.

Desejamos-lhe boa sorte!

10. CONCLUSÃO

Os dirigentes do Bloco sempre evidenciaram défice democrático, mas, ultimamente, foram além do suportável.

Os Estatutos são deliberadamente vagos, para que a direção possa ter uma maior margem de discricionariedade, para aplicá-los conforme as suas conveniências.

Mesmo assim, já **nem se dão ao trabalho de respeitar os Estatutos** que eles próprios fizeram. Violaram-nos, inequivocamente, nas Eleições Regionais da Madeira e em dois artigos, na aprovação do Regulamento da XIII Convenção.

Comportam-se como donos disto tudo, não olhando a meios para imporem as suas decisões arbitrárias, com a indomável obstinação de quem está afincadamente a destruir este projeto coletivo, que tanta esperança devolveu ao povo de esquerda.

Esta Convenção é uma armadilha, onde ficamos sem escolha, prisioneiros de duas alternativas igualmente avessas à democracia.

E assim vai o Bloco, uns dias mal, outros dias pior, cada vez com o caminho mais estreito, na construção de uma alternativa credível no espaço político.

Subscritores (todos inscritos na Concelhia de Paredes, Porto):

4. Américo de Almeida Campos, A9572
5. Américo da Silva, A11122
6. Andreia Filipa Ferreira Rodrigues, A14009
7. António Cláudio Teixeira Cardoso, A14010
8. António Fernando Correia Monteiro, A1489
9. António Ferreira, A11123
10. Carlos Vieira Teixeira, A15310
11. Daniel Moreira Campos, A11117
12. David Emanuel Rocha Lobo, A16504
13. Fernando Campos Ribeiro, A15174
14. Fernando Ferreira Campos, A15186
15. Heitor Manuel Moreira dos Santos, A14235
16. Isabel Cristina Barbosa de Sousa, A15176
17. Jaime Ferreira dos Santos, A10152

18. Joaquim Santos Leal, A10952
19. Luís Gabriel Lopes de Almeida Campos, A10153
20. Manuel Evaristo Moreira Campos, A11124
21. Maria Beatriz Ferreira Rodrigues, A15973
22. Maria Fernanda Nogueira da Rocha, A11104
23. Mónica Filipa Coelho Ferreira, A10384
24. Olívia Moreira de Barros, A11165
25. Paulo Fernando Ribeiro Santos, A10901
26. Rosa Maria da Silva Dias Ribeiro, A15184